

PROBLEMAS DE TRADUÇÃO LITERÁRIA NA EDIÇÃO ITALIANA
DE SERAFIM PONTE GRANDE, DE OSWALD DE ANDRADE

Benedito Antunes
(UNESP)

A pesquisa tem como objetivo formular e discutir alguns problemas ligados à tradução de obras literárias, sobretudo os de ordem cultural. Para isso tomamos o romance Serafim Ponte Grande, de Oswald de Andrade, com o propósito de confrontá-lo com a sua tradução para o italiano. Tanto a escolha do romance como a da língua para a qual foi vertido são de certa forma circunstanciais. Mesmo assim, elas podem ser plenamente justificadas. O Serafim Ponte Grande é permeado de questões histórico-culturais ligadas à perspectiva transformadora do Modernismo. Quanto ao texto em italiano, trata-se de uma boa tradução, que não se destaca por problemas elementares de ordem técnica. Com relação ao caminho inverso da análise - isto é, da língua materna para a segunda língua -, embora não favoreça um exame profundo dos problemas técnicos da tradução, pode-se dizer que permite, dada a maior facilidade de se conhecer bem o original brasileiro, observar quais são os problemas mais sérios do livro no momento de uma tradução.

Indiscutivelmente, Serafim Ponte Grande concentra grande parte, se não o essencial, do ideário modernista por que se bateu o seu autor. A Antropofagia, enquanto metaforização de uma das propostas culturais do modernismo, pode mesmo ser considerada o fio condutor desse romance. Este fato, embora não torne a obra particularmente difícil de ser traduzida para outra língua, coloca, de modo contundente o problema da transposição das referências culturais numa tradução, na medida em que o romance joga com grande número delas. A preocupação desta pesquisa não recai, assim, na qualidade das soluções encontradas para a versão italiana, mas nas questões que afloram no próprio ato de traduzir.

Quase todo texto importante que é publicado atualmente, a rigor, já nasce em mais de uma língua. Nada mais natural, pois, como diz Jakobson, "toda experiência cognitiva pode ser traduzida e classificada em qualquer língua existente" (Jakobson, p. 67). Aliás, "o nível cognitivo da linguagem não só admite mas exige a interpretação por meio de outros códigos, a recodificação, isto é, a tradução" (Jakobson, p. 70). Mas enquanto a experiência cognitiva é passível de tradução, a expe-

riência estética continuará sendo o calcanhar-de-aquiles dos tradutores, pois inclui, para além do dado cultural da língua fonte, a organização particular que lhe confere o sentido conotativo. Como lembra Paulo Rónai, “num texto literário não é apenas a idéia que escolhe as palavras, mas são muitas vezes as palavras que fazem brotar idéias” (Rónai, p. 1). Com relação ao texto poético propriamente dito, poetas e tradutores são unânimes em afirmar a sua intraduzibilidade, a menos que se proceda à sua recriação.

No caso do Serafim, embora Haroldo de Campos o tenha classificado como prosa próxima da poesia, em função da sua alta elaboração lingüística, pode-se considerá-lo, para todos os efeitos, uma narrativa, com predominância daquilo que se convencionou designar prosa. A particularidade desse texto é o seu forte teor satírico, inserido no contexto das formulações antropofágicas. Como se sabe, o movimento antropofágico, surgido em torno do Manifesto Antropófago de O. de Andrade, publicado em maio de 1928, chegou a constituir, mais do que um instrumento de crítica da cultura retrógrada do Brasil, no início do século, um projeto de ampla renovação cultural, em que a imagem do antropófago foi eleita símbolo da devoração da cultura alienígena, com a finalidade de adequá-la às condições nacionais. E Serafim Ponte Grande, publicado em 1933, mas escrito aproximadamente entre 1924 e 1928, contém todos os traços básicos da proposta de devoração antropofágica. O livro narra o percurso geográfico-sexual do personagem-título, que parte de São Paulo, percorre localidades da Europa e do Oriente, sempre em atitude satírica em relação aos marcos da nossa tradição cultural, e retorna ao Brasil, onde se realizaria a utopia da sociedade livre. Todo o seu percurso é muito marcado pelas referências histórico - culturais que vão sendo objeto de devoração.

Assim caracterizado, o livro oferece, de saída, o problema da tradução (ou adaptação) dos nomes próprios. Na medida em que grande parte deles é carregada de humor, a sua não tradução priva o leitor em outra língua do sabor especial que tem na língua original, enquanto que a tradução tende a descaracterizar o contexto de Antropofagia. Dessa perspectiva, vejamos a tradução da seguinte passagem:

Quando do mais alto mastaréu, o vigilante vigia descobre uma trave de enxofre no mar das descobertas. A nova se espalha comovidamente.

- Terra! É Jerusalém!
- Não!
- É México!
- E Guaratinguetá! (Andrade, 1972:185).

O trecho pertence à viagem de ida para a Europa, em que o “Rompe-Nuve” se aproxima das costas da África, numa espécie de paródia da descoberta do Brasil, não faltando do “terra à vista” de Cabral à referência cômica ao nome indígena da cidade brasileira. Na tradução temos:

Quando, dal piú alto bompreso, la vigile vedetta avvista una barra di rane nel mare delle scoperte. La notizia si sparge concitata.

- Terra! É Gerusalemme!

- No!

- É il Messico!

- Macchè, è Ospedaletti! (Andrade, 1976:64)

Ospedaletti é uma pequena cidade da Ligúria italiana, e, graças à etimologia e à sonoridade do seu nome, pode-se dizer que a sua inserção no texto de O. de Andrade consegue manter o aspecto cômico do original. De outra parte, acontece a inevitável perda do elemento paródico, que só a referência à localidade brasileira é capaz de proporcionar. Essa perda ocorre também com relação à paródia lingüística dos cronistas portugueses que se verifica nessa parte do livro.

Uma outra descaracterização do contexto cultural brasileiro dá-se na tradução de "O Largo da Sé" por "Il Largo del Duomo". Não se pode esquecer aqui do sentido que tem para um brasileiro, e sobretudo para um paulistano, o Largo da Sé. É o marco zero de São Paulo, cidade que nas formulações antropofágicas tem um papel bem preciso. O personagem vive em São Paulo, e é de São Paulo que ele parte em viagem. Mesmo que os dois títulos possam, em muitos casos ser sinônimos, Praça (ou Largo) da Sé, para o leitor brasileiro, não é um largo da matriz qualquer, como pode sugerir a tradução italiana. Isto sem contar que, na Itália, "Il Duomo" remete geralmente ao Duomo de Milão.

Finalmente, vejamos um aspecto mais geral da tradução, mas que está intimamente ligado à caracterização do personagem principal. Serafim recebe desde o início uma conotação maliciosa, que constitui um dos traços fundamentais da sua figura. Logo na abertura do livro temos o "Primeiro Contato de Serafim e a Malícia":

A - e - i - o - u

Ba - Be - Bi - Bo - Bu

Ca - Ce - Ci - Co - Cu

(Andrade, 1972:141).

que na tradução italiana ficou:

Alo - Elo - Ilo - Olo - Ulo

Balo - Belo - Bilo - Bolo - Bulo

Calo - Celu - Cilo - Colo - Culo

(Andrade, 1976:13)

A situação vivida por todo aquele que tenha sido alfabetizado em língua portuguesa, com lances de censura, de vexare e, sobretudo, de comicidade resultantes da inevitável malícia no primeiro contato com as letras, na tradução italiana

permanece apenas como artificial referência. Aquela situação não ocorre na alfabetização em italiano, e portanto o leitor italiano não pode experimentá-la no romance como a experimenta o leitor brasileiro. Para se chegar à palavra-chave do excerto de cartilha, a tradutora teve de lançar mão de um artifício que não é próprio da alfabetização em italiano. Trata-se de um jogo malicioso construído de trás para frente, com a finalidade de se chegar depois à palavra-chave, o que é até possível nas brincadeiras da criança que está sendo alfabetizada. Contudo ele não corresponde mais à essência maliciosa do personagem brasileiro, que por assim dizer recebe com as primeiras letras a malícia que lhe será útil na sua futura empresa dessacralizante.

Acreditamos que questões desse tipo sejam as mais difíceis de serem resolvidas na tradução de uma obra literária narrativa. Exigem do tradutor, além de bom domínio lingüístico, boa informação cultural e um estudo prévio do texto a ser traduzido, para sentir a sua densidade significativa. De resto, é bom ter consciência de que dificilmente a tradução alcançará um nível ideal. Oswald de Andrade parece já ter previsto essa questão para o seu livro ao anotar, no verso da página de rosto da sua primeira edição:

"Direito de ser traduzido, reproduzido e deformado em todas as línguas - São Paulo - 1933". (Andrade, 1972:97)

BIBLIOGRAFIA

JAKOBSON, Roman. Lingüística e Comunicação. São Paulo: Cultrix, 1970.

RÔNAI, Paulo. Escola de Tradutores. Rio de Janeiro: Educom, 1976.

ANDRADE, Oswald de. Obras Completas II: Memórias Sentimentais de João Miramar. Serafim Ponte Grande. Rio de Janeiro: Civ. Brasileira, 1972.

..... Serafino Ponte Grande. Torino: Einaudi, 1976.